

BONA LVSITANIA! ASPETOS DA CELEBRAÇÃO DE PORTUGAL EM RESENDE E CAMÕES

Virgínia Soares Pereira

Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos

virginia@ilch.uminho.pt

Resumo:

André de Resende, contemporâneo de Camões, deu um grande contributo, ao escrever em latim, para a divulgação da história e das tradições da Lusitânia, das suas figuras e feitos ilustres, procurando, em simultâneo, distinguir a nossa história e identidade da dos nossos vizinhos, que ocupavam a maior parte da Hispânia. O presente estudo tem como propósito evocar o contributo resendiano para a preservação da memória e para a divulgação da ação dos Portugueses no Oriente, assinalando, aqui e ali, eventuais reflexos no poema épico de Camões.

Palavras-chave: André de Resende, Camões, Lusitânia, Lusíadas, memória do passado, identidade portuguesa.

Abstract:

Andre de Resende, a well known contemporary of Camões, contributed largely, by writing in Latin, to the dissemination of the history and traditions of Lusitania, of its figures and its most outstanding achievements, aiming to distinguish simultaneously our history and identity from history and identity of our neighbours, who occupied almost the whole of Hispania. The aim of this work is to evaluate Resende's contribution to the preservation of the Portuguese past memory and dissemination of the Portuguese achievements at Orient, highlighting some reflections in Camões' epic poem.

Keywords: Andre de Resende, Camões, Lusitania, past memory, Portuguese identity.

André de Resende, consagrado humanista de Évora, é um dos mais notáveis contemporâneos de Camões. Pela sua craveira intelectual, pela diversidade e dimensão da sua

obra escrita sobretudo em latim, pelos estudos realizados nas prestigiadas universidades de Alcalá e de Salamanca, de Paris (talvez) e de Lovaina, pelos altos cargos que desempenhou junto de reis e príncipes, pelo seu entranhado amor pelas memórias da sua terra lusitana, por tudo isto, André de Resende ocupa um lugar cimeiro na república das letras do seu tempo, sendo, assim, digno de figurar na galeria dos contemporâneos de Camões. Aires Nascimento (2008: 11-17) disse dele que foi um “catalisador de memória”. Será nesta vertente que se situará o presente estudo, cujo propósito é analisar a forma como o humanista contribuiu para a celebração e divulgação do nome de *Lusitania* / Portugal e evidenciar alguns possíveis reflexos resendianos em Camões, tendo em consideração que, como é do conhecimento geral – sobretudo desde que José Maria Rodrigues (1979: 9-32) os aproximou de forma concludente –, Camões colheu na obra do Eborense inspiração ou informação para alguns dos passos de *Os Lusíadas*.¹

1. A divulgação resendiana de Portugal: as festas de Bruxelas

Um dos primeiros textos celebrativos da glória do reino português, por parte do Eborense, é o chamado *Genethliacon*,² um longo poema de perto de 900 versos, em latim, no qual o humanista descreveu os grandiosos festejos realizados em Bruxelas para celebrar o desejado nascimento do príncipe D. Manuel (a 1 de Novembro de 1531), filho de D. João III. Estes festejos tiveram lugar a 20 e 21 de dezembro desse mesmo ano, por iniciativa de D. Pedro de Mascarenhas, embaixador do rei em Bruxelas.³ O poema vem a lume no ano seguinte, em 1532, em Bolonha e é dedicado a D. João III, a quem o jovem humanista se dirige “invocando-o”, logo de início, como “O fortíssimo D. João, rei dos Portugueses (*Lusitanorum rex*), triunfador máximo sobre os povos da África, das regiões do Atlas, Etiópia, Pérsia, Índia e Taprobana.” Pretendia Resende, com o poema, contribuir para que tais festejos genetliacos, aliados à fama do rei, perdurassem por longo tempo na memória dos vindouros. Logo nos

¹ Além da paternidade resendiana da palavra ‘Lusíadas’, J. M. Rodrigues aponta os neologismos “transtagano” e ‘Tágides’, bem como episódios relacionados com a fundação mítica de Lisboa, entre outros. Os nomes referidos surgem no poema *Vincentius, Leuita et martyr*, vindo a lume em 1545, embora a palavra *Lusíades* figure já no *Erasmii Encomium*, um poema de A.R. datado de 1529. Pina Martins (1981: 36-37) retoma o estudo de J. M. Rodrigues e entende que Camões fez do *Vincentius* uma ‘leitura fecunda’.

² O poema, de 873 hexâmetros dactílicos, tem a estrutura de um poema épico, com as figuras retórico-estilísticas habituais. Evidencia igualmente uma tonalidade cronística, de quem conta o que viu ou presenciou. Daí abundarem expressões do género “vimos”, “vi”, “era de ver”, entre outros. O poema foi há pouco tempo traduzido por António Guimarães Pinto e está disponível em Matos (s.d.: 137-189).

³ O humanista, ainda jovem, esteve presente nas celebrações, pois acompanhava então o embaixador na qualidade de seu mestre de latim. Teve então o ensejo de assistir à representação de uma peça de Gil Vicente, provavelmente o “Jubileu de Amores”, que desagradou aos membros da Igreja presentes e provocou os protestos do Sumo Pontífice. Sobre o testemunho de Resende e o teor desta peça veja-se Michaëlis de Vasconcelos (1912: 205-293), Pinho (2003:863-878) e Pereira (2003:879-902).

versos iniciais, assegura que ao príncipe acabado de nascer está reservado um futuro de majestoso domínio sobre um grande Império, que da Europa e da África se estendia até ao Ganges. Na tradução de António Guimarães Pinto, os versos encomiásticos de Resende soam assim (vv. 11-22):

[o príncipe D. Manuel] há-de segurar as rédeas do Estado, para que muito o admirem e amem estes reinos do antigo Luso, gloriosos pelos feitos de armas, pelos varões e pelas riquezas, para que senhoreie os líbios e todos os que habitam os reinos abrasados pelas calmas excessivas, e todos os lugares recônditos dos etíopes, os únicos de entre os homens que conheciam as fontes do Nilo, ignoradas durante tantos séculos, recentemente descobertas pelas vossas legiões, com indignação do rio, e para que a ele submetam os seus reinos com abundantes tributos todos os árabes e os que vivem por onde a terra gangética se abre às louras chamas do Sol nascente.⁴

Os festejos revestiram-se de grande fausto e decorreram na presença do Imperador Carlos V. Daí que, na descrição do evento, o humanista tenha o cuidado de ir dando sinais da riqueza e da projeção de Portugal, melhor dizendo, da *Lusitania* no mundo. Um passo particularmente expressivo é aquele no qual narra que, no interior do palácio do embaixador, numa das salas, ardiam especiarias em grande quantidade (vv. 274-281):

de um lado e do outro erguiam-se piras que, embora ardessem com brilhante fogo, fariam abrasar-se com chama mais intensa as entranhas de alguém com espírito avaro: é que não era lenha o que ardia, mas canela (*cinnama*) e todas as outras especiarias que, através dos maiores perigos, aos confins da Índia vai buscar o audacioso comerciante, arrostando as iras de Neptuno, ao sulcar num errante e breve lenho as ondas do mar e ao expor a vida às furiosas procelas do céu e do pélagos.

O enunciado é um tanto tortuoso, quase barroco, mas cumpre o seu intento, que é o de sublinhar a riqueza e a abundância de especiarias de que o reino dispunha. Outros versos lembram os produtos da terra lusitana que foram enviados para o banquete de Bruxelas, de que se destacam os vinhos capitosos então servidos (vv. 418-425):

Com toda a justiça, o lugar de honra foi concedido ao vinho de uvas passas, enviado por Portugal (*Lusitania*). Fornece-o a doce uva moscatel cozida pelo Sol, ligeiramente pisada antes de suportar as húmidas prensas do Nictélio de duas mães. (...)

Em seguida, serviu-se um tinto suave menos forte, apropriado para frequentes libações, que se produz em abundância nas margens do Tejo (...).

A narrativa resendiana espraia-se em pormenores relativos às descrições dos aposentos e seus adereços, à simbologia das tapeçarias, às variadíssimas e extraordinárias iguarias, a

⁴ Como haveria de suceder com os votos expressos por Camões nas estâncias da dedicatória e nos versos finais de *Os Lusíadas*, esta espécie de profecia de André de Resende não se cumpriu, pois o príncipe viria a morrer passados cinco anos, a 14 de abril de 1537, em Évora. De igual modo, nas estâncias dedicatórias de *Os Lusíadas* o poeta profetisa “o herói futuro, o guerreiro formidando e predestinado que há-de alcançar o triunfo da Cristandade sobre ismaelitas, turcos e gentios índicos” (Aguar e Silva 2008:101-2). No entender deste eminente camonista, “A redacção da dedicatória deve ter sido contemporânea da escrita das estâncias finais do poema”, talvez após o regresso de Camões a Lisboa.

encenações como a do *Triumphus Amoris* (com identificação de alguns dos nobres figurantes) aos divertidos jogos destinados a nobres (como a justa, equivalente ao *ludus Troianus*) e plebeus (como a difícil subida ao mastro coberto de sebo). A adesão do público é enorme. Todos comungam da alegria e da glória de tão grandiosas celebrações, que se prolongaram por dois dias. E o povo, que fora do palácio assistiu e participou nos festejos e nos jogos, por vezes de forma truculenta – Resende não deixa de relatar, qual atento repórter, cenas de pancadaria e bebedeira –, agradece, percorrendo as ruas de Bruxelas e gritando *Bona Lusitania!* (‘Viva Portugal!’).

Em suma, ao longo do *Genethliacon* vão sendo magnificados o nome da Lusitânia, do seu rei, das suas terras e das suas gentes, sublinhando-se os louvores de que o monarca era alvo – louvores que, acrescenta Resende, “te eram dirigidos a ti, grande rei, que tens tais súbditos, que te obedecem de bom grado, e tremem perante as tuas ordens, e dão pouco valor à vida e tudo fazem em nome da fidelidade” (vv. 790-795).⁵

Mas nem tudo são elogios no *Genethliacon*. Já nos versos finais, o humanista refere os gastos excessivos de tão sumptuosos festejos (vv. 865-868), sem que fique claro se são palavras de censura pela sua desmesura, ou se servem o propósito de sublinhar a extraordinária grandiosidade da celebração.

2. Portugal no Oriente e o espírito de cruzada

Luís de Sousa Rebelo afirma que André de Resende foi “um dos primeiros a meter ombros à patriótica empresa” de dar a conhecer ao mundo europeu, através da escrita em latim, os feitos notáveis dos Portugueses⁶. Referia-se à versão para latim, por Resende, da carta de D. Nuno da Cunha, a *Epitome Rerum Gestarum in India a Lusitanis*, vinda a lume em Lovaina, no ano de 1531. Trata-se de uma tradução / adaptação para latim de um “relatório” apresentado em 1530 ao rei D. João III por D. Nuno da Cunha, Governador da Índia, sobre as vitórias portuguesas no Oriente, junto ao Mar Vermelho. O relato dos feitos é enquadrado por uma carta, em parte prefacial, em parte pós-facial, que se revela do maior interesse para o caso vertente. No texto prefacial, Resende sublinha que a vitória narrada na carta de D. Nuno da Cunha é apenas uma (e nem sequer a mais importante) das vitórias portuguesas no Oriente e

⁵ A ideia da excelência dos súbditos portugueses está bem presente também em Camões. Lembre-se o conhecido passo *Lus.* 1.10.5-8: “Ouvi: vereis o nome engrandecido / daqueles de quem sois senhor superno. / E julgareis qual é mais excelente, / Se ser do mundo Rei, se de tal gente”.

⁶ Sobre a importância de se divulgarem na língua do Lácio os feitos lusitanos realizados na Índia, vd. Rebelo (1982: 259) e Virgínia Pereira (2002: 284-286).

que a missiva cuja tradução se propõe fazer, por solicitação do amigo Goclénio, é mais um resumo do que uma verdadeira *narratio*.

Já no posfácio, em jeito de *post scriptum*, o humanista dá conta de novas vitórias dos Portugueses no Oriente, veiculando a notícia da possível queda de Diu às mãos dos Portugueses, ao mesmo tempo que lamenta as desavenças que então se verificavam entre os Príncipes cristãos da Europa, incapazes de se unirem contra a investida turca. Depois de lembrar que Panónios e Solimão, sultão dos Turcos, se coligaram para atacarem a Europa, Resende escreve (a respeito da notícia da possível queda de Diu):

Se isso é verdade, não sei, por Hércules, que tempo haveria mais oportuno do que este para os príncipes cristãos, se não quiserem faltar aos deveres de religião, vingarem a destruição da Igreja. Pois a ninguém restam dúvidas de que, atacando o inimigo em várias frentes, ele se tornará muito mais frágil do que até agora. E oxalá a Europa, resolvidos a contento estes tumultos e os dissídios intestinos, respirasse um pouco até ser capaz de se reunir. (...) Na verdade, a esperança de recuperar o império dos Gregos, para já não falar da Ásia e da Líbia, retirou-ma a inveja de uns reis para com outros, e a discórdia dos dois estados entre si.⁷

Não é possível determinar se Camões conheceu a *Epitome*, embora faça referência aos feitos de Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha, na fortaleza de Diu (*Lus.* 10.61). O facto de existirem no poema camoniano reflexos deste desentendimento entre os príncipes da Europa – como se pode ver nos vv. 9.1-4 do canto VII, adiante transcritos – nada afiança, pois era uma preocupação que andava no espírito de todos. O próprio Resende terá, por estes tempos, composto um poema em latim, intitulado *Ode in Gallos*,⁸ no qual verbera o ataque das tropas de Francisco I, aliado do Turco, contra Carlos V. A Europa via-se então ameaçada pelo imperialismo do sultão turco, que responderia dessa forma ao ataque dos Cristãos portugueses no Oriente. Camões verbera nestes termos a situação:

Ó míseros Christãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
que huns aos outros se dão à morte dura,
sendo todos de hum ventre produzidos?

As palavras de Resende atrás transcritas datam de 1531, num período de intenso fervor erasmista por parte do jovem humanista português. Quer isto dizer que, apesar do seu apreço pelas ideias do humanista de Roterdão, já nesta fase jovem da sua vida não rejeitava a ideia de

⁷ Pereira, 2002: 289. O texto de D. Nuno da Cunha “resumido” e posto em latim por André de Resende, a fixação do texto latino e versão portuguesa, acompanhada de notas histórico-culturais, da autoria de António Jorge da Silva, podem consultar-se em Cadafaz de Matos (s.d.: 201-299).

⁸ Inédito até há muito pouco tempo, este poema, que figura manuscrito no fol. 191 v. do MS &-IV-22 (1º), foi-me dado a conhecer pelo Dr. Arlindo Correia, devotado investigador do nosso século XVI. Está publicado no artigo “Um poema inédito de André de Resende” e pode ser consultado em: www.arlindo-correia.org/240112.html. A fixação do texto latino e a sua tradução resultaram de uma estreita colaboração entre o referido Dr. Arlindo Correia e eu própria.

guerra justa, que estará sempre presente no seu espírito. As últimas obras que publicou foram dois poemas, um a incitar Filipe II de Espanha a lutar contra os Mouriscos e a expulsá-los dos seus reinos, o outro a augurar grandes glórias para D. Sebastião. Estes poemas viram a luz em 1570, em Évora, na tipografia de André de Burgos.⁹ A exortação a Filipe II tem o seguinte título, deveras elucidativo: *Ad Philippum Maximum Hispaniarum Regem. L. Andreae Resendii Lusitani. Ad maturandam aduersus rebeleis Mauros expeditionem, cohortatio*. Lembrando que França e Espanha estão agora em paz, em resultado da ação gloriosa do monarca espanhol, Resende insinua que tal feito se revelará de pouca utilidade, se não for acompanhado de lutas no interior do reino: *Quid prodest, si regna domi impacata relinquo?* (v.40). “De que serve tal feito, se deixas em casa reinos que não conseguiste apaziguar?” Escudado em tal argumento, Resende, qual Velho do Restelo, exorta o rei a pegar em armas (v.57) e a expulsar dos seus reinos os descendentes dos Mouros, os mouriscos residentes na Espanha meridional, a fim de evitar uma rebelião e a possibilidade de chamarem em seu auxílio os mouros do norte de África.

Camões, por sua vez, conclui *Os Lusíadas* prometendo a D. Sebastião um novo canto, a celebrar as suas futuras vitórias em África, como no início dissera: “Dareis matéria a nunca ouvido canto” (*Lus.* 1.15.4). Comentando as ideias expendidas pelo épico, Aguiar e Silva (2008: 105) é claro a este respeito: “Camões está muito distante das doutrinas irenistas de Erasmo e dos seus discípulos e seguidores, exprimindo convictamente uma visão do mundo belicista, senhorial, cavaleiresca e católica, informada por elevados e exigentes ideias éticos, políticos e jurídicos (...).”

Em suma, o espírito de cruzada, contrário ao irenismo erasmiano, está presente em ambos, no humanista e no poeta.

3. O louvor da antiguidade lusitana

Os textos de Resende mencionados lançam luz sobre acontecimentos da história recente, contemporâneos do humanista. Já no tocante à preservação da memória do passado do reino de Portugal, merecem especial referência: o já mencionado poema épico-hagiográfico *Vincentius, Leuita et martyr*, em dois livros, sobre o martírio de S. Vicente (Livro I) e a trasladação dos seus restos mortais para Lisboa (Livro II). Vindo a lume em 1545, mas na forja já desde 1532, o poema regista uma das primeiras ocorrências do termo *Lusíadas*, e

⁹ Sobre estes poemas (consultáveis na BPE, *Res.* 155, E), vd. Fr. Leitão Ferreira (1914: 194). Num outro poema, de 1572, Resende celebra o vice-rei D. Luís de Ataíde, regressado da Índia, como herói de uma guerra justa, “santa”, travada em defesa e dilatação da fé (vd. texto latino, tradução e comentário em Belmiro Pereira, 1993).

nisso espelha uma atitude muito peculiar de Resende e que se afirmará nas obras posteriores: a de dar a Portugal a importância que a história mítico-lendária lhe confere. A questão da naturalidade do santo – se é de Saragoça (como querem os Espanhóis), se de Lisboa (como defendem os Portugueses) – é retomada mais tarde, com maior veemência, na *Epistula ad Bartholomaeum Kebedium*, de 1567, uma extensa carta-tratado – dirigida a Bartolomeu de Quevedo, sacerdote da Igreja de Toledo – que, pelo conteúdo, se revestia da maior importância para a história do reino, por tratar de matérias atinentes à Lusitânia, como é dito na carta-dedicatória ao rei D. Sebastião. No título da carta, *L. Andr. Resendii Pro sanctis Christi martyribus Vincentio, Olisiponensi patrono, Vincentio, Sabina et Christhetide, Eborensibus ciuibus, et ad quaedam alia responsio*, estão postos em evidência os dois temas de mais acalorada defesa: o da história das peripécias da trasladação das relíquias de S. Vicente de Lisboa, e o caso dos santos Vicente, Sabina e Cristeta, cidadãos de Évora e mártires. É no âmbito desta defesa que se insere uma veemente acusação dirigida à megalomania castelhana, que sempre desejava apoderar-se do que lhe não pertencia, na opinião do Eborense.¹⁰

André de Resende morre a 7 de Dezembro de 1573, um ano depois da data da primeira edição de *Os Lusíadas*. Deixa inéditas duas grandes obras: *O Aegidius Scallabitanus*, um diálogo em moldes renascentistas sobre a vida, a conversão e os milagres de Fr. Gil de Santarém, e o *De Antiquitatibus Lusitaniae*, em quatro livros dedicados à divulgação das Antiguidades da Lusitânia, relacionadas com factos e figuras da antiga Roma, nos quais entroncava a história portuguesa. À semelhança do que ocorria com a referida *Carta a Quevedo*, também nestas duas volumosas obras, nas quais o autor trabalhava já havia anos, está presente a preocupação da preservação do património português (religioso, histórico ou arqueológico), por forma a garantir a identidade do reino luso face a Castela. Mas é sobretudo no *De antiquitatibus Lusitaniae* que surge o propósito claro de registar as “antiguidades” dignas de memória e de distinguir a Lusitânia do resto da Península.¹¹ Intuito idêntico está presente em Camões épico, segundo Macedo (1979:118): “Camões procura, sobretudo, localizar o reino de Portugal na Península: contra o Castelhana, o Português procura nunca perder, em circunstância alguma, o seu carácter de comunidade política independente.” Esta afirmação é feita no estudo que consagrou a *Os Lusíadas* e a História, no qual se interroga sobre qual o papel da história no poema, sobre “que história de Portugal é narrada” (p. 113). Tendo presente que Camões

¹⁰ Para mais pormenores, veja-se Resende (1988: 23-48).

¹¹ O uso resendiano da história antiga e medieval tem o propósito de vincar a individualidade e originalidade portuguesas, e desse modo criar uma clara consciência nacional que até então fora mais difusa, na opinião de Rosado Fernandes (1996: 36-38 e 2006: 303-315).

descreve a Lusitânia como “cume da cabeça / de Europa toda” (*Lus.*, 3.20.1-2), dotando-a dessa forma de um forte capital simbólico, percebe-se o relevo dado a certas figuras e episódios, como sejam a de Ulisses, fundador mítico de Lisboa, ou a de São Vicente e a refundação de Lisboa, ou ainda a batalha de Ourique na luta contra os Mouros. Ora Resende tinha igualmente sublinhado a relevância mítico-lendária e histórica destas figuras na formação da identidade do reino.

Ainda dentro do gosto muito humanístico e resendiano pelas *antiquitates*, considere-se a *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, uma obra de pendor mais antiquário do que histórico, dada a lume em 1553 – embora conhecida de Gaspar Barreiros desde 1547, pelo menos (Sousa, 1993:18). A história da antiguidade da cidade recua até aos tempos de Sertório e apoia-se em provas documentais retiradas de textos de historiógrafos antigos e em muitos “letreiros” que o humanista ia descobrindo nas suas frequentes explorações arqueológicas, de enxada em punho. Terá mesmo forjado alguns desses letreiros, para sustentar os seus propósitos de “documentar” factos de veneranda antiguidade.¹²

4. Resende e Camões: dois modos de narrar a história

J. M. Rodrigues (1979) e Pina Martins (1991) escalpelizaram a obra de Resende e Camões no sentido de estabelecerem entre elas indiscutíveis nexos de semelhança do ponto de vista histórico-cultural e mítico-lendário. Um vasto caldo de cultura poderá explicar algumas das afinidades, mas há quem as justifique com base na hipótese (embora sem comprovação inequívoca) de que Camões terá sido aluno do humanista de Évora. Seja como for, é indiscutível a formação humanística de ambos, e quase inacreditável a de Camões, dada a diferença do percurso existencial de duas personalidades tão distintas. A vida aventureira e atribulada do poeta contrasta com o sedentarismo do humanista de Évora. Depois de vinte anos passados na Europa – primeiro em Espanha, depois em França e nos Países Baixos, além de viajar por algumas cidades italianas –, durante os quais se aplicou a aprofundar a sua formação em contacto com figuras de grande renome intelectual, Resende regressa ao reino em 1533 e, a partir desta data, raramente sai do país. Em 1545, D. João de Castro procurou o humanista em Évora, para levá-lo com ele à Índia, mas Resende não se encontrava então na cidade; um ou dois anos mais tarde, o Vice-rei da Índia volta a convidá-lo e o humanista recusa – apesar da muita curiosidade que sentia em conhecer Goa, onde se encontrava um irmão seu, segundo diz, e apesar do gosto em divulgar a ação do vice-rei em nome de

¹² Vd. Cerejeira (1974-1975), Encarnação (1991) e Sousa (1993: 99). Sobre o gosto pelas *antiquitates*, vd. Sousa (1993:45-54), autor de um valioso e pormenorizado estudo desta obra.

Portugal –, desculpendo-se com os afazeres que o retinham em Lisboa a tratar da (re)edição do *Breuiarium Eborensis*. Era uma “encomenda” que vinha já do tempo do Cardeal D. Afonso, irmão de D. João III, e passara, após a morte de D. Afonso, para a responsabilidade do Cardeal D. Henrique, pelo que não lhe era possível abandonar tal responsabilidade e incumbência. Sabemos desta recusa por uma carta de Resende a D. João de Castro, datada de 16 de março de 1547, de Lisboa.¹³ Os compromissos decorrentes da sua condição de frade secular e do seu relacionamento com a família real impediam-no de deixar a sua terra e rumar ao Oriente, como fará Camões. Daí que a narrativa resendiana de Portugal esteja essencialmente voltada para o passado do reino – um passado que, sabia-o bem, garantia “títulos de prestígio (em mediação mítica) à história de um povo que continua a dos Romanos”, no dizer de Aires Nascimento (2008: 13). O Oriente raras vezes surge nas páginas do humanista, como vimos.

Camões épico, por sua vez, é produto de uma grande bagagem intelectual, mas também de uma vida de aventura e de experiência. Neste sentido, concede largo espaço, em registo analéptico, às “memórias gloriosas, isto é, os feitos heroicos que perduram na lembrança” (Silva, 2008: 99), ao passado mítico e exemplar que preenche muitas das estâncias do seu poema, mas a tónica da sua celebração incide sobretudo na projeção de Portugal no Oriente, que ele conhecia por curiosidade e experiência. Isto mesmo será reconhecido ao poeta, segundo ficou exarado no texto da tença que lhe foi concedida por D. Sebastião, “pelos seus serviços militares e pelo engenho, suficiêcia e habilidade que mostrou no livro das cousas da Índia”, conforme vem mencionado e transcrito em J. Mendes de Almeida (2000:111).

Camões era, relativamente a Resende, mais novo vinte e cinco anos. Regressou ao reino em 1570. Teve ainda tempo de pôr a última demão no poema da sua vida, o poema do seu país. Cansado, desiludido, mas ainda assim disposto a continuar a celebrar o rei e o reino.

Irmanava-os amor idêntico pelas coisas do seu país.

André de Resende confessava amar profundamente o pequeno cantinho (*angulum hunc nostrum*, como escreve na *Carta a Quevedo*) que era Portugal. E esse entranhado amor pelo seu país justifica que “tenha buscado bem longe, no longínquo passado romano, ou nos remotos tempos góticos, as raízes de um país ainda imerso nas sombras do tempo a vir” (Pereira, 2000:31).¹⁴ Não muito diferente da atitude resendiana, também o canto de Camões é,

¹³ Pode ler-se esta interessantíssima carta, com curiosos dados autobiográficos e psicológicos, em Resende (1963: 189-192).

¹⁴ Segundo Rosado Fernandes (1996: 36): “Caracterizar um povo, que para mais é o seu, não é, porém, para Resende uma operação de puro racionalismo e erudição. Sente-se por toda a parte que é ao mesmo tempo uma

como afirmou Aguiar e Silva (2008:102), “um canto de puro amor à pátria – figuralmente representada como o ‘ninho meu paterno’-”.

E com tal postura serviram ambos reis e príncipes. Cada um a seu modo, mas com o amor da terra que os viu nascer. “Os homens dados às lêteras com lêteras servem aos reis e príncipes” (Resende, carta-dedicatória da *História da Antiguidade da Cidade de Évora*). Camões, por sua vez, apresenta-se ao rei D. Sebastião, cujos feitos se propõe continuar a celebrar, em dois famosos versos lapidares, a encerrar *Os Lusíadas* (X, 155, 1-2):

“Para servir-vos, braço às armas feito,
Para cantar-vos, mente às Musas dada.”

Assim exprimiam, ambos, o propósito de servir o rei, celebrando e defendendo Portugal.

Referências

- ALMEIDA, Justino Mendes (2000), “A Índia de Camões / A Índia para Camões”, in Manuela de Azevedo (Coord.), *Os Mares de Camões*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 91-111.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (1991), “Da invenção de inscrições romanas pelo Humanista André de Resende”, *Biblos* 67, pp. 193-221.
- FERNANDES, R. M. Rosado (1996), *André de Resende, as Antiguidades da Lusitânia*, Introdução, tradução e comentário de (...), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- FERNANDES, R. M. Rosado (2006), “Raízes do Nacionalismo Português em André de Resende”, in *Em busca das raízes do Ocidente*, vol. I, Lisboa, Alcalá, pp. 295-315.
- FERREIRA, Francisco Leitão (1914), “Notícias da vida de André de Resende”, Publicadas, anotadas e aditadas por A. Braancamp Freire, in *Arquivo Histórico Português*, vol. IX, pp. 177-285.
- MACEDO, Jorge Borges de (1979), *Os Lusíadas e a História*, Lisboa, Editorial Verbo.
- MARTINS, J. Vitorino de Pina (1991), *André de Resende, Vincentius Leuiya et Martyr*, Braga, Barbosa e Xavier.
- MOURA, Vasco Graça (1987), *Os Penhascos e a Serpente e outros ensaios camonianos*, Lisboa, Quetzal Editores.
- NASCIMENTO, Aires A. (2008), “Mito e identidade: André de Resende, um catalisador de memória”, in *Mythos. A tradição Mitográfica Portuguesa, Representações e Identidade, Séculos XVI-XVIII*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, pp. 7-19.
- PEREIRA, Belmiro Fernandes (1993), “A Fama portuguesa no ocaso do Império: A divulgação europeia dos feitos de D. Luís de Ataíde”, in *Humanismo Português na época dos Descobrimentos*. Coimbra, Faculdade de Letras, pp. 47-80.

demonstração de amor à pátria que o criou, amor esse que o leva a demonstrações de grande fidelidade à tradição portuguesa e por vezes de paixão e parcialidade em relação ao assunto que descreve.”

- PEREIRA, Virgínia Soares (2002), “As cartas-prefácio de André de Resende: Retórica e Mensagem”, in *Cataldo & André de Resende*. Congresso Internacional do Humanismo Português, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, pp. 275-293.
- PEREIRA, Virgínia Soares (2003), “Celebrando Portugal: Bruxelas, 1531, e o *Genethliacon* de André de Resende”, in *Congresso Internacional Damião de Góis na Europa do Renascimento*, Braga, Universidade Católica Portuguesa, pp. 879-902.
- PINHO, Sebastião Tavares (2003), “Damião de Góis e André de Resende: dois caminhos cruzados”, in *Congresso Internacional Damião de Góis na Europa do Renascimento*, Braga, Universidade Católica Portuguesa, pp. 863-878.
- PINTO, António Guimarães (s.d.), *Genethliacon*, Versão portuguesa e notas de (...), in *Algumas obras de André de Resende*, vol. II (1529-1551), Edição, introdução e estudo de Manuel Cadafaz de Matos, Lisboa, Edições Távola Redonda, pp. 137-189.
- RAMALHO, Américo da Costa (1987), “Camões e os seus contemporâneos”, in *III Reunião Internacional de Camonistas (10 a 13 de Novembro de 1980)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. 1-17.
- REBELO, Luís de Sousa (1982), *A tradição clássica na literatura portuguesa*, Lisboa.
- RESENDE, André de (1963), *Obras Portuguesas*. Prefácio e notas do Prof. José Pereira Tavares. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, pp. 189-192.
- RESENDE, André de (1988), *Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução, texto latino, versão e notas de Virgínia S. Pereira. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – INIC.
- RESENDE, André de (2000), *Aegidius Scallabitanus. Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*, Estudo introdutório, edição crítica, tradução e notas de Virgínia Soares Pereira, Lisboa, FCG / FCT.
- RODRIGUES, José Maria (1979), “Camões e André de Resende”, in *Fontes dos Lusíadas*. Prefácio de Américo da Costa Ramalho, 2.^a edição, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, pp. 9-32.
- SILVA, António Jorge (s.d.), *Epitome rerum gestarum in India / Narração de feitos praticados na Índia*, fixação do texto latino e versão portuguesa de (...), in MATOS, Manuel Cadafaz de (s.d.), *Algumas obras de André de Resende*, vol. II (1529-1551). Lisboa, Edições Távola Redonda, pp. 201-299.
- SILVA, Vítor Aguiar e (2008), *A Lira Dourada e a Tuba Canora*, Lisboa, Livros Cotovia.
- SILVA, Vítor Aguiar e (2011) (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões* (2011), Lisboa, Editorial Caminho.
- SOUSA, Ivo Carneiro de (1993), *André de Resende e a História da Antiguidade da Cidade de Évora*, Estarreja, Casa do Livro.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1912), “Notas Vicentinas”, *Revista da Universidade de Coimbra*, I, pp. 205-293.